

Memória em três atos: desafios e superação de um museu de imigração italiana

RICARDO HAMMES STONE¹; MARCELO LOPES LIMA²; GIOVANI VAHL MATTHIES³; IGOR DE CARVALHO PIÑEIRO⁴; MAURICIO ANDRE MASCHKE PINHEIRO⁵; FABIO VERGARA CERQUEIRA⁶

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL –ricardohammesstone@hotmail.com

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL – marcelo-adm@hotmail.com

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL --giovanivahlmatthies@gmail.com

⁴UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- UFPEL -urieligor@gmail.com

⁵UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- UFPEL- mauriciopinheiro685@gmail.com

⁶UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

No dia 4 junho de 2006, resultando do projeto de pesquisa Recuperação e Preservação da Memória Histórica da Comunidade Italiana Pelotense, nasce o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, com o escopo de preservar a memória dos imigrantes italianos, chegados no último quartel do século XIX, e de seus descendentes, identificados como “colonos”, que habitavam e habitam a região (GEHRKE, 2012). O museu possui em seu acervo objetos diversos, doados pelos descendentes dos primeiros imigrantes, mostrando um pouco do cotidiano da região, abarcando questões atinentes ao trabalho agrícola, à religiosidade, educação, matrimônio e atividades domésticas (CERQUEIRA, 2010). O acervo conta também com uma quantia importante de relatos de história oral, registrada em gravações, que compõem o banco de memória oral da instituição. Ademais, o prédio em si em que o museu foi instalado pode ser considerado um acervo, visto que anteriormente ao seu uso como museu, ali funcionou desde sua fundação, em 1929, a Escola Garibaldi, na qual estudaram muitos dos colaboradores que prestaram depoimentos ou doaram objetos ou fotografias ao museu. A fundação do museu gerou um vínculo de compromisso, entre um projeto de extensão permanente da UFPEL e a comunidade da região. Atuaram ao longo dos anos bolsistas e voluntários, para abrir o museu e receber os visitantes. Ao mesmo tempo, o museu se articulou, no âmbito do Circuito de Museus da Serra dos Tapes, às outras instituições e museológicas da região, como Museu da Colônia Francesa, Museu de Morro Redondo e Museu Gruppelli, e com influência do Tour dos Museus, um passeio gratuito desenvolvido pelos museólogos Eliana Souza Marcelo Lima o qual engloba tais museus, conseguiu—se no Museu Etnográfico da Colônia Maciel um número superior à dez mil visitantes.

A exposição, por meio da fala dos mediadores, apresenta uma narrativa sobre o sinistro ocorrido em fevereiro de 2017, quando ocorreu o desabamento do teto do museu, resultando de uma combinação de fatores (temporada de chuvas com ventos fortes e agravamento da infestação de cupim, em período de recesso de atividades). Apesar de não haver pessoas no prédio quando do acidente, o prejuízo material foi substancial, sobre o prédio e sobre o acervo em exposição, que correspondia a aproximadamente 120 peças de objetos expostos. Para lidar com as consequências do sinistro, medidas foram tomadas. Em parceria, a Secretaria Municipal de Cultural de Pelotas e a UFPEL assumiram o comando do processo emergencial de estabilização do prédio e recuperação do acervo, sob acompanhamento e autorização da Vigilância Civil e Bombeiros. O acervo em si foi retirado do prédio, inclusive por que a permanência o local colocava em risco sua segurança, em razão das chuvas, de outros possíveis desabamentos e da possibilidade de extravio. O acervo foi assim retirado, sob assistência da equipe

do museu que se fez presente, composta pelos museólogos Marcelo Lima e Eliana Souza, pela conservadora e restauradora Vera Regina Cazaubon, pela arqueóloga Luciana da Silva Peixoto e pelo acadêmico de História Ricardo Hammes Stone. O serviço foi executado por empresa contratada pela UFPel para este fim. O material foi então acondicionado em uma sala de grandes dimensões no atual “Campus II do ICH”. Foi estabelecido um plano de ação: 1) Identificação das peças e conferência com o catálogo geral do acervo (o acervo é todo marcado com número de inventário, salvo peças que por características físicas não permitem receber a numeração, e possuem assim etiquetas, que poderiam ter sido extraviadas entre o desabamento, chuvas, retirada e transporte); 2) análise do estado de conservação e integridade das peças em decorrência do sinistro; 3) higienização; 4) conservação preventiva; 5) recuperação emergencial; 6) separação das peças que exigem restauração; 7) documentação; 8) acondicionamento. Após estes procedimentos, a equipe, juntamente à Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, decidiu-se por organizar uma exposição, para exteriorizar ao público os procedimentos realizados junto ao acervo, permitindo à comunidade da Vila Maciel e arredores, responsável pelas doações, ter conhecimento sobre os cuidados aplicados ao acervo.

A decisão por montar a exposição foi influenciada também pelo sucesso de público das atividades realizadas, na Sala da Lareira da Casa 6, durante a edição do Dia do Patrimônio de 2017: 808 visitantes em 3 dias. Ademais, por meio da exposição planejada, buscou garantir que o museu permaneça aberto ao público, enquanto não ocorrer a recuperação do prédio na Vila Maciel. A exposição “Memória em três atos: desafios e superação de um museu de imigração italiana” ocupa três salas da Casa 6, em que cada uma delas faz alusão a um dos três livros da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, abordando os cenários mitológicos cristãos do Inferno, Purgatório e Paraíso, como metáfora das três etapas pelas quais o acervo passou (acidente, recuperação e nova apresentação ao público). A exposição permanece aberta ao público, às tardes durante a semana, em datas especiais e horários específicos perante agendamento.

2. METODOLOGIA

Ao entrar no Casarão 6, nos 3 primeiros cômodos à esquerda, o visitante é introduzido pelo guia do museu em um cenário geral, sobre o histórico e missão do Museu da Maciel, sobre o sinistro em si e em geral sobre as tragédias mundo afora que vitimam o patrimônio, por causas naturais ou acidentais. A seguir, o visitante é conduzido a compreender este processo pelo qual o museu foi envolvido nas três etapas de percurso do acervo em virtude do desabamento do telhado: destruição, recuperação e nova vida. Começa-se pelo Inferno. Tal lugar se encontra com uma baixa iluminação proposital, e lá há objetos pertencentes ao museu que se encontram destruídos ou muito comprometidos em sua integridade física, como telhas, madeiras e inclusive peças que não passaram (ou não passarão) pelo processo de restauração. Intencionalmente, quer-se gerar um sentimento de incômodo. Nesta etapa, utilizam-se áudios alusivos a uma tempestade e ao quebrar de telhas, para dar a sensação de estar no local do desabamento. O guia explica aos visitantes que o acervo ali colocado será posteriormente restaurado (ou não, no caso de acervo irrecuperável), realçando a noção de que os objetos expostos, mesmo que ainda não totalmente recuperados, mantêm a sua função de contar uma história (mesmo que no caso seja a história do desabamento). Também ali já apontamos o contraste entre um rádio destruído e um rádio similar, que não sofrera danos, evidenciando como o

desastre pode afetar a “vida” dos objetos. Um *banner* que conta a história de Dante Alighieri e sua obra sugere, como metáfora, o sentido da exposição.

A seguir o visitante acessa a sala do purgatório, que na obra de Dante é conhecida por ser um período de transição, para purgar os pecados e poder ascender ao paraíso. Paralelamente a isto, o mediador mostra objetos que precisaram ou ainda precisam ser trabalhados para ascenderem a uma nova “vida” como objetos restaurados. Neste ambiente, mostram-se objetos já emergencialmente recuperados, como se estivessem em uma Reserva Técnica, e o setor em destaque mostra produtos e ferramentas utilizados no processo de conservação e restauração, oportunizando ao visitante conhecer algo deste trabalho que por via de regra não é visível ao público. Podemos ver também fotos tiradas do processo da recuperação do acervo, ajudando o visitante a visualizá-lo. Nesta sala vê-se diversos objetos do acervo tridimensional do museu, como o baú, brinquedos, rádio, e utensílios de cozinha, objetos recuperados, interpretados, metaforicamente, como almas que estão próximas de ascenderem ao paraíso.

O visitante se desloca então para a última sala, na qual se trabalha com a ideia de paraíso. Ambiente bem iluminado pela luz do sol (e luz elétrica quando necessário). Mostram-se os objetos que já passaram pelo processo de recuperação. O acervo busca retratar o cotidiano do colono, testemunhando da ruralidade à religiosidade. Além dos objetos, cópias de fotografias antigas (10) mostram momentos do casamento em décadas passadas.

Um dos cantos da sala é utilizado para mostra o ofício de ferreiro, atividade comum no meio rural colonial, sendo evidenciado por um grande fole, uma bigorna e a parte superior de um martelo. Em outro setor, tem-se contato com objetos utilizados na lide do campo, com diversas ferramentas agrícolas. Há também objetos que contam um pouco do processo de produção de bebidas à base de uva, em especial o vinho, que possui um valor identitário para o ítalo-descendente.

Em outro setor, expõem-se objetos relativos às atividades femininas: máquina de costura e produção de roupas femininas. Nesta parte final o guia fornece algumas histórias sobre a região, como o costume das mulheres receberem uma máquina de costura ao se casarem. Sobre as fotos, ouvimos vários relatos de visitantes sobre a questão da postura séria perante as fotos de casamento da época, que estar sério mostraria que o matrimônio seria encarado com seriedade. Causa surpresa para muitos que a imagem de Sant’Ana tenha saído intacta do desabamento, em contraste com outras peças, o que motiva espontaneamente comentários.

Ao final do trajeto percorrido pelo visitante, dá-se a ele a possibilidade de participar de uma ação educativa: ele pode deixar uma manifestação sobre a experiência na exposição. Recebe uma folha em branco e giz de cera colorido. Os resultados farão parte de uma exposição com o objetivo de fazer com o que o visitante interaja fisicamente com esta. As crianças, principalmente das turmas de escolas, participam com bastante interesse nesta atividade. Uma pesquisa de público também vindo sendo realizada, com o fito de contribuir para melhorarmos as mediações (resultados parciais serão apresentados no CIC).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição costuma estar aberta ao público nos dias úteis da semana, das 14:00 às 17:00. Um estudante, bolsista ou voluntário, faz a mediação da visita. Mediante agendamento, pode abrir em outros horários, principalmente para

escolas e grupos de turistas, mas também para ações específicas organizadas pela Secretaria Municipal de Cultura e pela Rede de Museus da UFPel, como o “Tour dos museus da cidade”.

Houve também iniciativas do projeto para se comprometer em abrir a exposição para eventos específicos, como na Semana dos Museus, Dia do Patrimônio e Fenadoce, assim como todos os finais de semana solicitados (Primavera dos Museus, Semana da Cidade). Nestes dias temos um grande número de visitantes, tendo nas edições de 2017 cerca de 900 pessoas no primeiro evento citado, 808 no segundo e no último 690, mostrando o grande interesse da comunidade nos eventos. É possível elencar que a quantidade de visitantes é muito maior que o citado pois nem todas as pessoas assinam o livro de presença.

Houve a participação de moradores da Colônia Maciel que a cada visita à exposição agregam o seu conhecimento sobre o acervo proporcionando aos mediadores incluir relatos orais ao seu discurso. Tratando-se de uma exposição que dialoga diretamente com o ambiente rural, pessoas vindas de lá ou com parentes deste tipo de região expressavam uma relação frequentemente nostálgica com o acervo.

Podemos perceber no trabalho do dia a dia que os moradores de Pelotas em muitos casos não sabiam da existência de um museu de imigração italiana na região de colônia de Pelotas. Sendo assim, a exposição, além de trazer uma resposta para a comunidade da Vila Maciel, à qual a instituição se liga diretamente, promove também uma divulgação frente a população da cidade desta importante parte da história local. A exposição cumpre assim seu papel social, alcançando como resultado quantificado 2115 visitantes, sendo 781 visitantes através de visitas de escolas e grupos de turismo, e 1334 visitantes espontâneos.

4. CONCLUSÕES

Um fator positivo da exposição foi trazer para a população da área urbana uma realidade rural, ligada às memórias da colônia e da imigração italiana. Alcançou-se o objetivo de mostrar estes conteúdos a moradores e turistas. Outro positivo aproximar a pesquisa histórica e a expografia, além da dimensão patrimonial implicada em todo o processo de recuperação emergencial do acervo.

Ao fim é notável que a ideia de usar a obra de Dante Alighieri, pai-fundador da literatura em língua italiana, como metáfora, para pensar, por meio da exposição, sobre o esforço de superação do museu, diante do sinistro ocorrido, mostrou-se satisfatória, inclusive porque fomentou pensar sobre situações análogas que vitimam o patrimônio em várias partes do mundo, e que demandam ações de emergência, condicionadas às possibilidades disponíveis à instituição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEHRKE, C. Valorização da memória étnica italiana: o caso da Colônia Maciel/Pelotas – RS. **Acervo de História Oral do MECOM**, p. 1-11, 2012

CERQUEIRA, F. V. Museu Etnográfico da Colônia Maciel: a trajetória de um equipamento cultural dedicado à memória da comunidade ítalo-descendente de Pelotas. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1 p.70-85, 2009/2010

GEHRKE, C. O Museu Etnográfico da Colônia Maciel e suas ações de extensão: ensaio visual. **Expressa Extensão**, v.22, n.2. p.210-218, 2017